



GILBERTO FREYRE E WALTER PATER: SINESTESIA, SAGRADO E APAZIGUAMENTO DO PATHOS EM *CASA-GRANDE & SENZALA*

Marcia Barros Ferreira Rodrigues
Pós-Doutora em Ciência Política – UFES

Claudio Marcio Coelho⁴⁸⁹
Mestre em História – UFES

RESUMO: Nesta comunicação discutiremos a repercussão da pequena narrativa literária *The Child in the House* (1878), do escritor inglês Walter Pater, na formação intelectual de Gilberto Freyre, no período que se inicia com seus estudos universitários nos Estados Unidos, em 1918, até a publicação de sua obra-mestra *Casa-Grande & Senzala*, em 1933. A partir do conceito de “circularidade das ideias” de Mikhail Bakhtin e a concepção de “apetite pelo sagrado” do cientista político Gisálio Cerqueira Filho (UFF) discutiremos como a dimensão do sagrado circulou entre as obras de Walter Pater e Gilberto Freyre, e foi apropriada pelo pensador brasileiro, orientando a construção de sua narrativa histórica, bem como sua predileção por temáticas como a memória sinestésica (sabores, cheiros, sentidos) e o sagrado.

Palavras-chave: Gilberto Freyre; Narrativa histórica; Memória sinestésica; Sagrado.

ABSTRACT: In this communication we discuss the impact of small literary narrative *The Child in the House* (1878), the English writer Walter Pater, in the intellectual formation of Gilberto Freyre, in the period beginning with his university studies in the United States in 1918, until the publication its showpiece *Casa-Grande & Senzala*, in 1933. Based on the concept of “circularity of ideas” of Mikhail Bakhtin and the design

⁴⁸⁹ Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Espírito Santo (FAPES). Este trabalho é fruto de estudos realizados no doutorado do Programa de Pós-graduação em História Social das Relações Políticas da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), sob a orientação da Prof^a Dr^a Marcia Barros Ferreira Rodrigues.

of “appetite for the sacred” political scientist Gisálio Cerqueira Filho (UFF), will discuss how the size the sacred circulated among the works of Walter Pater and Gilberto Freyre, and was appropriated by the Brazilian thinker, guiding the construction of its historical narrative, and the predilection for themes such as kinesthetic memory (tastes, smells, senses) and the sacred.

Keywords: Gilberto Freyre; Historical narrative; Kinesthetic memory; Sacred.

Introdução

Nesta comunicação propomos discutir algumas possibilidades metodológicas para o estudo das ideias políticas, tendo como base teórica o processo de circulação de ideias (Ginzburg, 1989) e de apropriação cultural (Neder, 2009) a partir da narrativa histórica e do pensamento político de Gilberto Freyre. Tomamos como dimensão empírica o conto *The Child in the House* (1878), do escritor inglês Walter Pater e sua repercussão intelectual na dissertação de mestrado *Vida social no Brasil nos meados do século XIX* (1922) e na obra *Casa-Grande & Senzala* (1933), de Gilberto Freyre. A conjuntura histórica que analisaremos corresponde ao período entre 1918 e 1933, ou seja, de sua viagem para realizar estudos universitários nos Estados Unidos até a publicação de sua obra germinal supracitada.

G.Freyre sentia-se seduzido pela Inglaterra desde a infância e a adolescência. Admirava a língua, a história, a cultura, o humor, o comportamento, a flama e a excentricidade inglesa. Uma fascinação gestada no ambiente anglófilo do *Colégio Americano Batista* e pela influência de seu pai Alfredo Freyre (admirador da cultura anglo-saxônica e dos escritores ingleses), bem como dos missionários batistas, principalmente de seu “querido” professor Mr. Willians. Também frequentou a *Primeira Igreja Batista* do Recife e participou ativamente de suas atividades na Escola Dominical, nos cultos e na pregação do evangelho em bairros operários, entre doentes e moribundos, para os quais lia trechos do Velho e do Novo Testamento e proferia as boas novas da palavra de Deus (Siepierski, 2002; Martins, 2011).

O jovem Freyre viajou para os Estados Unidos em 21 de abril de 1918. Planejava estudar na *Universidade de Baylor*, na cidade de Waco, Texas. Aluno egresso do *Colégio Americano Batista* do Recife, onde se destacara por suas realizações, brilho

e erudição, Gilberto foi auxiliado pelos missionários do colégio. O colégio preparou os papéis e documentos com créditos que credenciavam seu aluno promissor para estudar em universidades renomadas nos EUA, mas Gilberto preferiu Baylor: uma universidade “terrivelmente provinciana”, mas, por outro lado, um centro de excelência de estudo com orientação batista (Freyre, 1975, p.30). Se não fosse a Primeira Guerra Mundial talvez tivesse escolhido estudar em universidade européia: Oxford seria a provável escolha, considerando a fascinação do estudante pernambucano pela cultura inglesa. Mas esta hipótese não coaduna com as decisões e projetos idealizados pela família Freyre, pelos missionários batistas e pelo jovem recém batizado. Gilberto desejava ser missionário num futuro próximo. Estudar em Baylor representava o aprofundamento do projeto religioso iniciado na adolescência (Larreta e Giucci, 2007).

G.Freyre admirava as formas plásticas e clássicas da arquitetura antiga de igrejas e monumentos históricos. Logo que chegou aos EUA, visitou Orlando Falcão, seu amigo de colégio e irmão de fé, em Louisville, uma antiga cidade industrial situada à margem do Ohio. Reparou de imediato, que suas casas assemelhavam-se a enormes caixas de papelão, como as de Nova York. Somente os edifícios públicos como os Correios, a Biblioteca Carnegie e as “belíssimas” Igrejas contrastavam com a monotonia da rude arquitetura industrial da cidade.

O protestantismo americano, parece que para fazer concorrência ao catolicismo faustoso, está levantando seus templos com arte e refinamento de gosto. O Catolicismo trouxe aos Estados Unidos com a sua expansão – devida aos imigrantes europeus, em grande parte – o gosto pela fina arquitetura eclesiástica que povoou de rendilhadas catedrais góticas a Europa medieval. (FREYRE, 1979, p.39).

Representou o Brasil no *VIII Congresso Internacional de Estudantes*, realizado em Des Moines, Iowa, entre 29 de dezembro de 1929 e 04 de janeiro de 1930. Novamente registrou seu apreço pelos traços arquitetônicos das antigas edificações da cidade. E dentre estas, admirou-se das “igrejas francamente belas” de Des Moines. E concluiu: “Que seria das cidades americanas se lhe arrancassem suas igrejas?” (Freyre, 1975, p.71).

Em *Baylor University*, de 1918 a 1920, o jovem G.Freyre realizou estudos em *Artes Liberais* e especializou-se em *Ciências Políticas e Sociais*. Como aluno de Joseph Armstrong – um professor apaixonante, dinâmico e entusiasmado com o

conhecimento e com a literatura inglesa – sentiu-se ainda mais cativado pelas possibilidades de estudos sobre o ensaísmo. Dentre as vinte e duas disciplinas que cursou em Baylor, nove pertenciam ao Departamento de Língua e Literatura Inglesa, dirigido pelo Dr. Armstrong, que ministrava cursos sobre Dante, Renascimento italiano, Shakespeare, Goethe, literatura vitoriana, poesia e drama contemporâneo, obras primas da literatura, composição e retórica. Neste último curso, obrigatório para alunos iniciantes, o jovem Freyre manteve contato com ensaístas britânicos que marcariam para sempre sua trajetória intelectual e repercutiriam afetivamente em suas escolhas, hesitações, projetos e livros publicados. Assim, retomou leituras de Bacon e Milton; iniciação em Dryden, Browne, De Quincey, Steele, Addison, Johnson, Hazlitt, Defoe, Savage, Landor, Huxley, Trakeray, Newman, Bennett, Hearn, G. K. Chesterton e Walter Pater. Também desenvolveu estudo sistemático de autores outrora conhecidos, de leituras mais aventurosas que dirigidas como Swift, Lamb, Carlyle, Ruskin, Macaulay. Sentia-se seduzido pela literatura de ficção, uma literatura psicológica, bem como pela poesia psicológica e filosófica de Chaucer a Browning, passando por Shakespeare (Pallares-Burke, 2005; Larreta e Giucci, 2007).

É um curso que vem abrindo novas e largas visões do Homem, da sociedade, da História. Sem o ensaio (...) estaríamos muito pobres com relação a problemas básicos do Homem e da Sociedade que a ciência dos Comte, dos Spencer e dos Tylor não parece capaz de esclarecer só por caminhos e por métodos científicos. (...). Isto porque o problema da existência sendo diferente para cada homem, é também, em muitos pontos, o mesmo para todos os homens e, portanto, suscetível de estudo científico (sociológico, biológico, psicológico, etc.). Ao mesmo tempo, um interesse poético, inspira ou informa esse estudo, porque não há problema de existência que não seja para o homem um problema de conflito da sua vontade ou de sua pessoa com a Natureza e com a Sociedade. Daí poder dizer-se que, em essência, a História, a Antropologia e, paradoxalmente, a própria Sociologia, não é senão a reunião de inúmeras biografias. Pelo menos não deveria a História ser senão isto: a essência de inúmeras biografias. (FREYRE, 1975, p.27).

O professor Joseph Armstrong ensinou-lhe particularidades e possibilidades de aplicação do ensaio: um gênero que se define simultaneamente como pessoal, claro, explícito, despretensioso, agradável, um tanto meditativo e coloquial.

Freyre reconheceu o ensaio como “gênero nobre”, e identificou algumas chaves que desejava como futuro escritor: o ensaísta rompe com o pedantismo, erudição vazia e discursos ruidosos; busca na conjugação de bom senso, poesia e filosofia a análise dos problemas básicos do homem e da sociedade; revela a expressão do humano e do social num tom de conversa, realismo e intimidade. (COELHO, 2007, p.66).

Dentre os diversos autores estudados pelo jovem Freyre nos cursos ministrados pelo professor Armstrong, dois ensaístas ingleses repercutiram decisivamente em suas escolhas teóricas, preferências temáticas e amadurecimento afetivo-intelectual. São eles: Walter H. Pater e G. K. Chesterton. Escritores que reforçaram a atração de G.Freyre por sentimentos religiosos pujantes, outrora despertados em sua infância e, principalmente, durante a adolescência protestante-batista no Recife. Sentimentos que repercutiriam para sempre no estudante latinoamericano e no intelectual que se tornaria.

A narrativa literária de Walter Pater em *The Child in the House* (1878)

Walter Horatio Pater (1839-1894) foi um ensaísta inglês requintado e erudito, escritor de ficção, crítico literário e de arte. Discípulo de John Ruskin, personalidade inquieta, nostálgico, seus princípios estéticos foram desenvolvidos por Oscar Wilde e George Moore. Os conceitos enunciados em sua obra foram transmitidos ao século XX pelo esforço de William Butler Yeats. W.Pater era um brilhante esteticista. Sua estética aproximou-se da anamnese de Platão, mas divergiu do filósofo grego no tocante à ética. Sua fome de sensações sempre novas revelou-se na identificação íntima com o pensamento de Heráclito. Também destacou-se pelo ecletismo intelectual em crítica literária e escritos filosóficos. Escreveu obras importantes como *Studies in the history of the Renaissance* (1873), *Marius the Epicurean* (1885), *Imaginary portrait* (1887), *Appreciations with an essay on style* (1889) e *Plato and platonism* (1893).

O conto *The Child in the House* só foi publicado como livro em 1894, o ano da morte de Walter Pater, pela editora privada do Rev. Henry Daniel, em Oxford. Para nosso trabalho utilizaremos a edição da Série Vest Pocket, publicada em 1909, nos Estados Unidos. Esta edição é uma reprodução da 14ª edição americana, impressa em 1908, pela Série Brocade.

Toda a narrativa do conto realiza-se em torno do personagem Florian Deleal. Inicia-se com um encontro casual, seguido de uma ação de boa vontade e de uma recompensa singela, recebida por Florian em virtude de sua piedade.

Caminhava F.Deleal em uma tarde quente, quando ultrapassou um velhinho à beira da estrada. Sentiu-se consternado com o cansaço do velhinho e decidiu ajudá-lo com a carga que carregava. Ao ouvir do homem sua história, algo de muito especial

chamou sua atenção, quando este citou o pequeno lugar onde Florian viveu sua infância e para o qual nunca mais retornou. Na noite daquele mesmo dia foi recompensado por sua boa ação, pois sonhou com o lugar, especialmente com a casa, onde viveu quando criança. O sonho realizou em Florian um “trabalho de mais fina memória”, pois em sua experiência onírica vislumbrou:

O verdadeiro aspecto do lugar, especialmente da casa onde ele viveu quando criança, o estilo das suas portas, suas lareiras, suas janelas, seu próprio perfume o acompanhou em seu sono durante uma temporada; apenas, com matizes mais musicalmente misturadas na parede e no chão, e alguma luz mais fina e sombra entrando e saindo ao longo de suas curvas e ângulos, e com todas as suas pequenas esculturas graciosas. (PATER, 1909, p.3-4).

Acordou... Suspirou com lembranças de quase trinta anos. Vibrou de prazer. Sorriu. Decidiu iniciar um projeto outrora imaginado: observar alguns pormenores na história de seu espírito, em sua jornada mental. Começou a pensar de si mesmo a partir da velha casa. Ocorreu-lhe uma *sucessão de suaves lembranças*:

Naquela casa meio-espiritualizada ele podia ver o melhor, mais uma vez, a gradual expansão da alma, que tinha vindo a ser, lá – e que de fato, por meio da lei que torna os objetos materiais em torno deles um elemento tão grande nas vidas das crianças... (*ibidem*, p.5).

Florian recordou traços da velha casa e espaços que compõe seus lugares de memória. Espaços atravessados por afetos e sinestesia. Quase nada escapou de sua memória afetiva: “tudo isso atuava na sua fantasia infantil” (*ibidem*, p.10). Mas que fantasia? O sonho um pouco acima de si mesmo e o esquecimento da contradição. Assim, a *mais doce e tenra de todas as fantasias* de Florian transfigurou-se em *desejo intenso pelo passado sem máculas*.

A sensibilidade sinestésica de Florian proporcionou-lhe recordações poéticas sobre o perfume da casa, do jardim, das flores, das frutas, o zumbido das abelhas, o frescor, o frio, o calor, a escuridão:

Assim, a criança (...) continuou a viver lá calmamente; (...) enquanto ele se sentava diariamente perto da janela onde havia uma gaiola pendurada logo abaixo dela, e sua mãe lhe ensinou a ler, e pensava na facilidade com que aprendeu e na velocidade da sua memória. O perfume das pequenas flores do pé de lima cobriram o ar como a chuva; enquanto o tempo parecia se mover lentamente ao som do zumbido das abelhas, até que quase parou nas tardes de junho. (*ibidem*, p.11).

Também, como sentiu essa pressão do mundo sensível sobre ele, em seguida, como ocorria muitas vezes depois, aliviria um outro tipo de questionamento curioso como as últimas impressões de olhos e ouvidos

poderiam ocorrer com ele, como elas o encontrariam – o perfume da última flor, o amarelo suave da última manhã, o último reconhecimento de alguns objetos de afeição, mão ou voz; não poderia ser senão aquele último olhar dos olhos, antes do fechamento final, seria estranhamento vívido; alguém ficaria com as lágrimas quentes, o grito, o toque do espectador melancólico, profundamente impressionado! Ou seria talvez uma mera frágil retirada de todas as coisas, grandes ou pequenas, para longe de alguém, para uma distância igual? Pois com esse desejo de beleza física misturou-se o medo prematuro da morte – o medo da morte intensificado pelo desejo de beleza. (*ibidem*, p.31-2).

Sua memória sinestésica capturou pormenores que aguçaram sentidos poéticos e despertaram a saudade da tradição. Os doces sentidos transportaram seus sentimentos para a *contemplação* e para o *religare* que desejava. Assim, ocorreu-lhe uma relação simbiótica entre casa, religião, paixão e medo da morte. Nas linhas poeticamente concebidas, vislumbramos um menino sensível às impressões belas. Florian estava tomado pelo *desejo de beleza*.

Florian amava a pureza e as formas religiosas. Outrossim, também amava as imagens nos livros religiosos, a representação do anjo lutador que agarrou Jacó, os sinos e as romãs presas nas vestes de Aaron. Este *amor da criança pelas formas externas de religião* e o *apetite do coração pela pureza* (tomismo) são sintomas de seu *desejo de redenção*, para suavizar os sofrimentos e dignificar a vida. Concebia a religião como uma história sagrada e ainda mais como:

(...) um ideal sagrado, uma versão transcendente ou representação, sob uma luz e sombra mais intensa e expressiva da vida humana e de seus acontecimentos familiares ou excepcionais, nascimento, morte, casamento, juventude, idade, lágrimas, alegria, descanso, dormir, despertar – um espelho em relação ao qual os homens podem afastar os seus olhos da vaidade e tédio e ver-se neles como anjos... (*ibidem*, p.38).

Na adolescência W.Pater desligou-se da Igreja Anglicana e desistiu de seus intentos de tornar-se ministro religioso. Sua absorção das ideias evolucionistas de Darwin e do racionalismo de outros pensadores geralmente é interpretada como uma perda de fé.

Este distanciamento, para muito além da mera expressão de qualquer significado de perda de fé, ou mesmo da elevação do racionalismo como novo paradigma iluminista, seria indicativo da constituição de um “novo lugar” para o domínio das idéias religiosas. Tal lugar seria constituído, assim como para o personagem Florian, não mais diretamente pela razão ou pela fé, mas pelo prazer sensitivo e extasiado das luzes da igreja, dos dias contemplativos, “*all that belonged to the comely order of the sanctuary*”. (CERQUEIRA FILHO e CERQUEIRA, 2008, p.2).

A religião retornou nas franjas do discurso literário de W.Pater. Em sua narrativa

ficcional tudo (ou quase tudo) está impregnado de sentimento religioso, de sacralidade, de religiosidade extasiante. A velha casa de sua infância, na qual recordou-se dos momentos de ternura, fantasias, descobertas, medos e alegrias, está impregnada de um encanto secreto e melancólico, como manifestação de uma saudade interminável. Há no conto um sentimento forte de casa, que atravessa o personagem Florian, mas que também atravessa a todos nós. A casa fantasiada por Pater é lugar sagrado, espaço de sacralização da vida, do mundo, das relações sociais, um santuário onde se pode descansar das amarguras e sofrimentos que a vida nos impõe. Nela, o divino e o sagrado deslizam para a relação sensível com a vida material, com as coisas. Porém, a casa naturalizada pela memória infantil de Florian também tornou-se lugar de sujeição.

A sensibilidade sinestésica de Florian Deleal manifestou-se como sensibilidade romântica. Neste sentido, o prazer sensitivo pelos cheiros, sons, cores e texturas assumiu a aura de contemplação, reverência e sacralidade: a “contemplação estupefante”. Ocorreu-lhe a sacralização dos sentidos, os sentidos tornaram-se inebriados. Esta sinestesia provocou extasia pelo belo sacralizado: o *desejo de beleza* amalgamado com o *desejo de redenção* do sofrimento, da contradição. Os efeitos políticos do amor de Florian pelas formas religiosas foram: a fantasia extasiante de um passado sem máculas, o esquecimento do pathos violento nas relações históricas e a defesa do conservadorismo romântico das ideias e das relações políticas. O “encantamento do êxtase” transformou-se em “passividade anestésica”. (*ibidem*, p.6).

A repercussão da literatura de Walter Pater no pensamento de Gilberto Freyre, na década de 1920 e 1930

Partimos do pressuposto de que a intencionalidade de G.Freyre ao apropriar-se do sentimento religioso pela via do sagrado, presente no conto de Walter Pater, pode ser identificada em fragmentos de sua dissertação de mestrado *Vida social no Brasil nos meados do século XIX* e de sua obra-mestra *Casa-Grande & Senzala*. Neste sentido, destacaremos alguns trechos destas obras, através dos quais poderemos analisar a memória sinestésica e o sagrado na narrativa freyreana.

Gilberto Freyre chegou à Nova Iorque em janeiro de 1921. A maior metrópole

americana, cidade cosmopolita e marcadamente rica por seu ambiente intelectual, científico, cultural contrastava muitíssimo com a provinciana Waco, no Texas. A diversidade de ambientes, estudos, conferências, pesquisas, contatos com alunos e professores estrangeiros, paisagens díspares, atrações em arte e cultura, museus e bibliotecas favoreciam o aprendizado e a interlocução com grandes nomes da literatura e das ciências humanas e sociais: intelectuais como o antropólogo Franz Boas, o filósofo John Dewey, os historiadores William Shepherd, Alfred Zimmern, Carlton Hayes, Clarence Haring, Fox e Kendrick, o sociólogo Franklin Giddings, o economista Seligman, o professor de direito John B. Moore (Meneses, 1944).

Era um frequentador assíduo de bibliotecas, acervos documentais, monumentos históricos, museus, teatros, igrejas. Interessante constatar que em quase todos os registros de suas viagens por cidades americanas – também na Europa e Brasil – sempre dedicou uma parcela importante de seu tempo aos passeios extasiantes por Capelas e Igrejas locais. Apreciava os detalhes arquitetônicos, as formas e as representações do sagrado nas Igrejas mais antigas. Estava tomado pelo *amor as formas externas da religião*, por uma *fome pelo sagrado* e pelo *desejo de beleza*: era como se *Deus estivesse na beleza*, assim como aprendera com a estética de W.Pater.

Realizou vasta pesquisa sobre a formação do Brasil e da América Latina em bibliotecas de New York e na cidade de Washington. Assim, concluiu seus estudos de pós-graduação em 1922 e apresentou sua tese de mestrado *Social life in Brazil in the middle of the 19th Century*: um ensaio histórico-sociológico declaradamente comprometido com a visão positiva do passado brasileiro, no qual desejava participar do projeto político-intelectual de construção da identidade nacional.

G.Freyre registrou no prefácio à edição inglesa de sua dissertação a importância de seu contato com o ensaísmo de Walter Pater. Citou a forma como o escritor inglês estudava a história: “para saber como vivia o povo, que trajos usava, que aparência tinha”. Neste mesmo sentido, Freyre desejava “saber” como fora a vida do brasileiro nos meados do século XIX (Freyre, 1964, p.69).

Para realizar seu propósito decidiu que deveria apropriar-se de historiadores-sociólogos “magistrais” e “notáveis” como Joaquim Nabuco, Capistrano de Abreu,

Oliveira Lima. Utilizou fontes inovadoras para a época como daguerreótipos, litogravuras, livros de viagem, diários, jornais e revistas: material pesquisado, em grande parte, na *Coleção Hispano-Americana* de Oliveira Lima, doada para a *Universidade Católica* e na *Biblioteca do Congresso Americano* em Washington D.C., na *Biblioteca Pública* e na *Biblioteca da Columbia University*, ambas em New York.

No trecho que selecionamos e que citamos a seguir, podemos surpreender o *menino* de G.Freyre inspirando e orientando sua narrativa histórica, assim como a *criança* de W.Pater, Florian Deleal, orientou sua narrativa literária:

A preparação deste ensaio começou, de certo modo, inconscientemente, quando, ainda menino, costumava (...) fazer perguntas à avó materna – Dona Francisca Barradas da Cunha Teixeira de Mello – sobre os “bons tempos antigos”. Na família ela era a única pessoa que admitia, então, que os tempos antigos tinham sido bons. Todos os outros pareciam se “futuristas” ou “pós-impressionistas” de uma ou outra espécie.

Ouviu (...) quando menino, relatos sobre o passado íntimo da sua gente, de outras pessoas, então de idade tão avançada que algumas, embora de todo lúcidas, já falavam com voz tremida e, quando andavam, já arrastavam tristonhamente os pés, como Dona Maria Rabelo de Oliveira. Também a Viúva Augusto de Carvalho. O próprio Augusto Ferreira de Carvalho (...). De velhos menos ilustres ouviu (...) na meninice muitas estórias e alguma história – estórias de fadas, de princesas e de bichos e história da gente brasileira. Impossível deixar de referir-se à preta velha Felicidade (Dadade), antiga escrava da família Cunha Teixeira... (FREYRE, 1964, p.69-70).

A obra-mestra de Gilberto Freyre, *Casa-Grande & Senzala*, foi publicada em 1933. Constitui, juntamente com *Evolução Política do Brasil* (1934), de Caio Prado Jr e *Raízes do Brasil* (1936), de Sérgio Buarque de Holanda, um grande esforço ensaístico e interpretativo sobre a formação do Brasil. Nela, Freyre considerou a casa como um *santuário de sentimentos religiosos* que atravessam a vida de seus moradores em todas as instâncias, assim como W.Pater pensou a casa em seu conto:

A história social da casa-grande é a história íntima de quase todo brasileiro: de sua vida doméstica, conjugal, sob o patriarcalismo escravocrata e polígamo; da sua vida de menino; do seu cristianismo reduzido à religião de família e influenciado pelas credences da senzala. (...) Estudando a vida doméstica dos antepassados sentimo-nos aos poucos nos completar: é outro meio de procurar-se o “tempo perdido”. Outro meio de nos sentirmos nos outros – nos que viveram antes de nós; e em cuja vida se antecipou a nossa. É um passado que se estuda tocando em nervos; um passado que emenda com a vida de cada um; uma aventura de sensibilidade, não apenas um esforço de pesquisa pelos arquivos. (FREYRE, 1995, p.lxv).

Em *A Decadência do Ocidente*, 1918-1922, Oswald Spengler demonstrou que a casa é uma força cósmica e misteriosa que atua na coesão dos que convivem estritamente juntos. Spengler considerou as “culturas como sujeitos, e não como objetos, do acontecer histórico.” (Freyre, 1968, p.183). Semelhantemente, G.Freyre considerou a casa-grande colonial brasileira um centro de coesão patriarcal, religiosa, econômica, política, cultural e afetiva. Sua apreciação dos traços característicos da arquitetura das casas-grandes coloniais revelou-lhe detalhes da vida social no início da colonização portuguesa nos trópicos. A arquitetura da casa-grande de engenho expressava a estrutura das relações afetivas e sociais no período que Freyre gostava de chamar de a infância do Brasil.

Na casa encontramos indícios da vida afetiva e material do Brasil colonial. Estes, por sua vez, denunciam a memória da vida religiosa, dos cheiros, sabores, cores, sexualidades, corpos, sentimentos, crenças, rituais da vida cotidiana. Ao sacralizar a casa, a comida e suas vivências, G.Freyre provocou nos brasileiros um efeito duplo em relação ao sagrado: *contentamento* e *apaziguamento*. Vejamos um exemplo:

A culinária portuguesa, tanto quanto o hagiológico, recorda nos velhos nomes de quitutes e gulodices, nas formas e ornamentos meio fálicos de bolos e doces, na condimentação picante, como que afrodisíaca, dos guisados, cozidos e molhos, a vibração erótica, a tensão procriadora que Portugal precisou de manter na sua época intensa de imperialismo colonizador. Na culinária colonial brasileira surpreendem-se estímulos ao amor e à fecundidade. Mesmo nos nomes de doces e bolos de convento, fabricados por mãos seráficas, de freiras, sente-se às vezes a intenção afrodisíaca, o toque fescenino a confundir-se com o místico: suspiros-de-freira, toucinho-do-céu, barriga-de-freira, manjar-do-céu, papos-de-anjo. Eram os bolos e doces porque suspiravam os freiráticos a portaria dos conventos. Não podendo entregar-se em carne a todos os seus adoradores, muitas freiras davam-se a eles nos bolos e caramelos. Estes adquiriam uma espécie de simbolismo sexual. Afrânio Peixoto observa num dos seus romances de costumes brasileiros: "não foram outros como nós, gozadores, que lhes demos [aos bolos e doces da sobremesa patriarcal] tais apelidos, mas as suas autoras, as respeitáveis abadessas e freiras dos conventos Portugueses nos quais a ocupação, mais do que o serviço divino, era a fábrica dessas iguarias". Isto depois de recordar os nomes, alguns bem fesceninos, da guloseima luso-brasileira: beijinhos, desmamados, levanta-velho, língua-de-moça, casadinhos, mimos-de-amor. Não há quem não possa acrescentar a lista outros nomes, igualmente sugestivos, de bolos e gulodices. E é curioso o fato de chamar-se "dinheiro para comprar bolo" o que dão certos pais brasileiros aos filhos rapazes, em idade, segundo eles, de "conhecer mulher". De conhecer outro bolo, sem ser o de goma ou de milho. Sabe-se, aliás, da íntima relação entre a libido e os prazeres do paladar. (FREYRE, 1995, p.250).

Considerações finais

A guisa de conclusão, os fragmentos selecionados nesta comunicação, nos quais destacamos a *criança*, a *casa* e a *memória sinestésica*, revelam a apropriação gilbertiana do conto de Walter Pater pela via do sagrado, cujo efeito ideológico provoca a contemplação religiosa do belo, dos sabores, gostos, cheiros e sentidos em conciliação, esvaziando a contradição. Interessante constatar que a *memória sinestésica* da culinária portuguesa apazigua a contradição do processo de colonização expresso na luta e conflitos religiosos presentes entre a Casa Grande e a Igreja, especificamente, representada pelo jesuitismo no seu embate com o Senhor de Engenho e seu *pater* poder.

A ambiguidade de sua narrativa ora estimula o apetite sexual ora o apetite pelo sagrado. A dialética da conciliação freyreana consiste em amalgamar o sagrado e o profano, erotizar e sacralizar as relações sociais, descrever a violência e acentuar a confraternização entre senhores e escravos. Produz um apaziguamento bem ao gosto do equilíbrio de antagonismos, tão apreciado pelo mestre de Apipucos. Também provoca o encobrimento do *pathos violento*: o sofrimento – decorrente do autoritarismo e da violência dos senhores de engenho no Brasil colonial – fica “encoberto” pela aura sagrada, religiosa, contemplativa.

Por fim, nossa interpretação da narrativa de Gilberto Freyre, a partir da repercussão da obra de Walter Pater, oferece-nos uma janela para “olhar” o Brasil e os brasileiros em perspectiva temporal, política e pela circularidade de ideias.

Referências

CERQUEIRA FILHO, Gisálio e CERQUEIRA, Marcelo N. **Apetite pelo sagrado**. III Congresso Internacional de Psicopatologia Fundamental e IX Congresso Brasileiro de Psicopatologia Fundamental. UFF. Niterói, Rio de Janeiro. 2008.

COELHO, Claudio M. **Gilberto Freyre**: indiciarismo, emoção e política na casa-grande e na senzala. Dissertação de Mestrado em História Social das Relações Políticas. PPGHIS, UFES, Vitória. 2007.

FREYRE, Gilberto. **Vida social no Brasil nos meados do século XIX**. Tradução do original inglês, revista pelo autor, por Waldemar Valente. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais; MEC. 1964. [original, 1922].

_____. **Como e porque sou e não sou sociólogo**. Brasília: Ed. da UNB. 1968.

_____. **Tempo morto e outros tempos**: trechos de um diário de adolescência e primeira mocidade, 1915-1930. Rio de Janeiro: José Olympio. 1975.

_____. **Tempo de aprendiz**: artigos publicados em jornais na adolescência e na primeira mocidade do autor, 1918-1926. São Paulo: IBRASA; Brasília: INL. 1979.

_____. **Casa-grande e senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 30 ed. Rio de Janeiro: Record, 1995. [original, 1933].

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: **Mitos, emblemas, sinais**: morfologia e história. São Paulo: Cia das Letras. 1989. pp.143-179.

LARRETA, Enrique Rodríguez e GIUCCI, Guillermo. **Gilberto Freyre**: uma biografia cultural: a formação de um intelectual brasileiro: 1900-1936. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2007.

MARTINS, Mario R. **Gilberto Freyre**. O ex-protestante: uma contribuição biográfica. 2ª edição. Goiânia: Kelps. 2011.

MENESES, Diogo de M. **Gilberto Freyre**: notas biográficas com ilustrações, inclusive desenhos e caricaturas. N.2. Série A. Coleção Estudos Brasileiros. Rio de Janeiro: CEB. 1944.

NEDER, Gizlene e SILVA, Ana Paula B. R. da. Intelectuais, circulação de idéias e apropriação cultural: anotações para uma discussão metodológica. Passagens. **Revista Internacional de História Política e Cultura Jurídica**. Rio Janeiro: v.1, n.1, jan-jun, 2009.

PALLARES-BURKE, Maria L. G. **Gilberto Freyre**: um vitoriano dos trópicos. São Paulo: Ed. UNESP. 2005.

PATER, Walter H. **The child in the house**. Portland, USA: Ed. Thomas B. Mosher.

1909. Disponível em: http://scans.library.utoronto.ca/pdf/1/19/childinhouse00pateuoft/childinhouse00pateuoft_bw.pdf - Acesso: janeiro de 2015.

_____. Walter Pater – Biografia, fotos, vídeos e artigos. Disponível em: <http://www.enotes.com/topics/walter-pater> e <http://translate.google.com.br/translate?hl=pt-BR&sl=en&u=http://www.britannica.com/EBchecked/topic/446317/Walter-Pater&prev=search> - Acesso: 23.02.2015.

SIEPIERSKI, Paulo D. O ideário protestante nos artigos de jornal do aprendiz Gilberto Freyre. **Comunicação & Sociedade**. São Bernardo do Campo: PósCom-Umesp, a.24, n.38, 2008.